



azul como um rottweiler





azul como um rottweiler

milton rosendo

TRAJES
L NARES





COPYRIGHT © 2021 BY MILTON ROSENDO

EDITORES RESPONSÁVEIS

Luiz Farias

Nando Magalhães

Nilton Resende

CAPA

Nilton Resende e Ulysses Ribas

IMAGEM

Gota de azul índigo na água: Freepik.com

DIAGRAMAÇÃO

Ulysses Ribas

REVISÃO

Nilton Resende

Catlogação na fonte

Departamento de Tratamento Técnico da Trajes Lunares Editora

R813a

Rosendo, Milton.

Azul como um rottweiler / Milton Rosendo. – Maceió : Trajes Lunares Editora, 2021.

80 p.

ISBN: 978-65-87894-02-7.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura alagoana.

I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

[2021]

1ª EDIÇÃO

TRAJES LUNARES

WWW.TRAJESEDITORA.COM.BR

TRAJESEDITORA@GMAIL.COM.BR

ALAGOAS/BRASIL





À minha mãe, Geeldizete Rodrigues do Nascimento (*in memoriam*),
ao Eliaquim Teixeira,
à Brisa Paim.





CINZA E MEMÓRIA

– Dissesses: objetos sólidos seccionam
as ramagens de prata que a lua espalha

e o Zodíaco estaria em tuas mãos claras.

Bébdados lançam nas ruas danças torturadas.

Porque ninguém saberá o que diz o musgo.
Porque mesmo cegas as estrelas te buscam.

Estranha Anadiômene, tu te assemelhas
à flutuação de elétrons, à chuva intensa.

Ecoam cascos, negros como um pesadelo.

Em que bocas, em que arcos de céu fervente,
em que docas ressoa o sol da obscura rosa?

– Escrevesses sombra e este papel já não seria
um ossuário de crianças, mas um teto.

Porque ninguém saberá o que diz o musgo.
Porque mesmo cegas as estrelas te buscam.



MILTON ROSENDO

INFÂNCIA

Ângulo inferior direito da tela: um gato.
As coisas algo diluídas pelo luar
arremetem contra o sono.

Os olhos resvalam para o plano central:
as figuras compactadas pelas sombras
parecem discutir
ou talvez se vaporizem entre dissabores.

A mesa, de uma irregular geometria,
suplicia o espaço como uma interrogação.

O escuro
borra as adjacências violentamente.

Então, no ângulo superior esquerdo:
uma janela.
No entanto, alta em demasia.
Luz ofega entre os vidros.



SÍSIFO

De novo e de novo, jamais se estanca da rosa a rosa.
Assim como a rocha desliza aonde não sou.
Os olhos o sabem: a palavra – feito roda –
 é sobre si mesma que rola;
como rotação de horas,
 como onda a pensar outra onda.
Ausência assim como estrela,
 a brilhar depois de morta.
Acha a comunicar seu cautério:
 esta palavra que me falta.
A palavra sempre nos salta.
Como um tapete de gramíneas, como um corte de faca:
o que, por delicadeza, destruo;
 o que, por perfeição, me mata.





MILTON ROSENDO

JEUNE HOMME NU ASSIS AU BORD DU CHAOS

Com os braços cruzados sobre as pernas –
os braços mastros quebrados pela tormenta
 uma quarta-feira pela manhã
de um dia não
um trampolim para a morte o coração
os braços barcos de branca embriaguez
a matemática celeste os olhos como ilhas
os braços lassos aves de origami
os braços um março que jamais teve fim
as pernas éguas brancas saltando
as pernas silêncio escorrendo para a terra
as pernas qual o nome do mar quando se quebra
as pernas Allan sem atender o telefone
as cartas glosam sobre mãos que não se tocam
 as cavernas de onde se vê
 o amor e outras sombras
ele sem pressa de recolher do chão
as estrelas da noite anterior
o jornal esvoaça como um falso albatroz
 tudo o que se pode viver
uma latitude entre o talvez e o já-não-mais



DIAS DE 1996

Estilhas de céu

– como flamas fraturadas –
tombam em seus cabelos.

Agora, vestígios do amado só nos álcoois.

Como contusões,
as lembranças lhe atordoam os membros.

Os risos e as danças em seu derredor
lhe soam como o outono.

É claro que outros olhares,
outros corpos,
o chamam para os tangos.

Mergulha voluptuoso na dança
como se buscasse em corais hipocampos.

Há dias,
reconhece nesses gestos só rasuras.

Néons e estrelas
brigam em seus cabelos.

Agora, vestígios do amado só nos álcoois.

Espera
– cigarro após cigarro –

da Musa a visita.



DESFILE

– a J. Welldes –

(Rua qualquer de meu país,
 numa rotação de flores subaquáticas,
 em época de calor e moscas,
 entrelaçada a uns elefantes passando
 feito intervalos de sombra e sol
 pelas fachadas dos estabelecimentos comerciais,
 as correntezas mudando de sentido várias vezes ao dia,
 as mesmas flores subaquáticas imitando lenços brancos,
 fachadas multicores dos estabelecimentos comerciais,
 Orfeu fotografando luzes nuas
 no torso dos dançarinos,
 nuvens parecidas com telefones celulares,
 as casas semelhantes a umas pirâmides incas
 voejando por sobre o Mar Adriático –
 impressão de ser essa rua a luz da lâmpada
 incidindo contra um porta-chapéus que imaginei –
 e a mesma rua qualquer,
 numa rotação sonora de cigarras,
 ser obliquamente uns miados de gatos azuis
 acima dos sobrados
 cruzando-se com a imagem do mecânico
 a desmontar um carro,
 isto a lembrar a aterrissagem forçada do avião,
 fachadas dos estabelecimentos comerciais
 como uns dedos correndo pelas teclas do piano,
 rua qualquer como um jogo de cartas,
 as árvores à velocidade da luz
 entrando no mergulho dos pássaros.





AZUL COMO UM ROTTWEILER

De repente, vêm as vozes,
Orfeu sorrindo loucamente,
ondas indo da direita para a esquerda e vice-versa,
as casas multicores umas borboletas adejando sob o sol –
sensação de ser essa rua a luz da lâmpada
incidindo contra o meu corpo adormecido
sobre uns versos que não escrevi)

